



Recepção de Narrativas Audiovisuais no Instagram: uma questão de saúde mental

Mariana Mauro Preti¹

RESUMO

Este artigo propõe analisar a recepção de narrativas audiovisuais do Instagram consumidas por adolescentes. O objetivo é propor identificar como as gramáticas discursivas, que dão forma e sentido às representações nas principais narrativas consumidas por eles, os afetam, verificando o impacto da recepção destes conteúdos; bem como identificar maneiras de projetar esta produção e este consumo de forma mais saudável, reduzindo seu impacto negativo na saúde mental dos adolescentes. O artigo usa como ponto de partida o relatório *#NewFilters to manage the impact of social media on young people's health and wellbeing*, feito pela entidade *The All Party Parliamentary Group (APPG) on Social Media*.

Palavras-chave: narrativas audiovisuais; Instagram; representação; saúde mental; adolescentes.

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)², em 2019 quase um bilhão de pessoas, incluindo 14% dos adolescentes do mundo, viviam com algum transtorno mental. No atual contexto global, é impossível falar da saúde mental sem levar em conta as redes sociais digitais: existe uma gama de estudos que investigam as relações entre as mídias sociais e o aumento da incidência de problemas de saúde mental em jovens e adolescentes.

Proponho, assim, pensar criticamente o consumo e a recepção, por parte dos adolescentes, de *stories* do Instagram: modelo de audiovisualidade recente, são vídeos que ficam disponíveis apenas por 24 horas e que, nos últimos anos, transformou completamente o modo de produção e consumo audiovisual. Estas narrativas cada vez mais complexas, aparelhadas com o uso de elementos de criação cinematográfica e de filtros de realidade aumentada que manipulam a representação, parecem criar uma desconexão entre a representação e a realidade. Presentes diariamente na vida dos chamados nativos digitais, estas narrativas ainda não são classificadas como um gênero audiovisual específico, mas têm um impacto próprio e particular.

¹ Mestranda no Curso de Comunicação e Territorialidades/PÓSCOM da Universidade Federal do Espírito Santo - ES, marianapreti@gmail.com

² “OMS destaca necessidade urgente de transformar saúde mental e atenção” Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2022-oms-destaca-necessidade-urgente-transformar-saude-mental-e-atencao> acesso em: 02 jun. 2023



Imbricados nesta produção narrativa complexa estão a publicidade e o marketing. As chamadas “publis” se tornam parte de um *status quo*, sinal de que aquele perfil faz sucesso nas redes. Objeto de desejo, parcerias com marcas demonstram que ali há um influenciador. Um *lifestyle* - estilo de vida - que chame atenção do público também tem o potencial de transformar um usuário comum num *influencer*, de modo que se torna difícil discernir, nas narrativas audiovisuais que se criam segundo estes e outros critérios, o que é realidade, o que ficção, o que é publicidade e, portanto, como se dá a recepção deste tipo de conteúdo e como ela afeta o seu espectador. Estaria esta relação peculiar entre o que é produzido e sua recepção conectada ao aumento na incidência de doenças mentais entre os adolescentes?

DESENVOLVIMENTO

Os procedimentos metodológicos aqui empregados são pautados em pesquisas bibliográficas que permitem identificar o cenário atual do tema, cuja interseccionalidade perpassa áreas diversas, desde a medicina, passando pela psicologia, sociologia e, aqui proponho, deve passar também pela comunicação. No estudo “Percepções dos adolescentes sobre o uso das redes sociais e sua influência na saúde mental” (2021), os autores investigam a percepção dos próprios adolescentes sobre o impacto das redes sociais em sua saúde mental e constataam que seu uso é crescente e faz surgir novas formas de adoecimento.

Em “Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura”, os autores chegam à conclusão, por exemplo, de que o uso excessivo das redes sociais oferece diversos riscos, como distúrbios de personalidade e de concentração/acadêmicos, mudanças na auto-estima, ansiedade, fobias e isolamento social, dependências e vícios, depressão e suicídio (CUNHA, SOUZA, 2019, p.10), dentre vários outros que não apenas correlacionados à saúde mental. Já em “Adolescentes na Era Digital: impactos na saúde mental” (2021), a conclusão é que a tecnologia é imprescindível para a inserção do jovem no mundo, porém, como as demais investigações, destaca a existência de perigos reais na relação do adolescente com as novas tecnologias. Os autores afirmam que existe uma necessidade de atuação conjunta e interdisciplinar para a proteção de crianças e adolescentes.

O relatório “*#NewFilters to manage the impact of social media on young people’s health and wellbeing*”, realizado entre abril de 2018 a janeiro de 2019 pela entidade *The All Party Parliamentary Group (APPG) on Social Media*, examina especificamente o impacto das mídias sociais na saúde mental e no bem-estar dos jovens. Ele explora os impactos positivos e



negativos das mídias sociais na saúde, e também apresenta recomendações para proteger os adolescentes.. Uma das conclusões mais importantes do relatório é a da Dr. Anna Lavis, da Universidade de Birmingham. Para ela:

São necessárias pesquisas sobre que tipo de conteúdo facilita a troca de apoio e os mecanismos disso, bem como sobre o impacto de várias formas de conteúdo em diferentes grupos sociais. Isso é fundamental para desenvolver a base de evidências para projetar ambientes on-line mais positivos. (LAVIS, in *#NewFilters: to manage the impact of social media on young people's mental health and wellbeing*, 2019, p.12)

Pensar nesta recomendação pelo viés da comunicação parece ser imperativo, pois, como colocado por Vera França, poderíamos dizer que “dificilmente, hoje, uma análise de qualquer dos aspectos da vida social vai prescindir da referência aos meios de comunicação e aos fluxos de informação” (FRANÇA, 2001, p.5), muito menos a análise de um tema que se relaciona direta e cada vez mais com a comunicação midiática e sua rápida transformação, como é o caso da saúde mental dos adolescentes.

Em “Em Ofício de Cartógrafo” (2010) Barbero diz que “as massas na América Latina estão se incorporando à modernidade não pela mão do livro, mas desde de os formatos e os gêneros das indústrias culturais do audiovisual” (BARBERO, 2004, p.210). Para ele, a transformação da sensibilidade a partir não da cultura letrada mas das culturas audiovisuais coloca alguns graves desafios.

No caso das narrativas audiovisuais do Instagram, com uma produção marcada por traços diversos como uso ferramentas de montagem, de interação direta, filtros de realidade aumentada, recortes estratégicos, ângulos e planos que favorecem a produção de sentido, tem-se o surgimento de uma gramática discursiva e de formas de representação que se dão numa lógica de mercado, que envolve, por exemplo, a regulação do discurso - embora as *Big Techs* se empenhem em evitar sua regulamentação³, ela se faz necessária e tem sido pauta pública constante, - as tecnologias utilizadas como meios e as mensagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que “a maioria dos adolescentes utilizam a internet por setes dias na semana (...), utilizando de celulares e computadores” (FREITAS, OLIVEIRA, MELO, SILVA, MELO, FERNANDES, 2021, p.345), é impossível negar que o uso das redes sociais digitais,

³ Regulamentação das big techs: o que preveem os modelos brasileiro e europeu” Disponível em: <https://www.correiopovo.com.br/jornalcomtecnologia/regulamenta%C3%A7%C3%A3o-das-big-techs-o-que-veem-os-modelos-brasileiro-e-europeu-1.1024418> acesso em: 04 jun. 2023



como diz Barbero (2004) sobre a tecnologia, diz respeito não às novidades de alguns aparelhos mas, sim, à novas formas de percepção, a novas sensibilidades e escritas. Estes novos modos de percepção e de sensibilidades, bem como de escrita, são representados pela relação que as mídias digitais têm com o indivíduo e com a sociedade hoje em dia.

Estes modos de representação criam discursos e sentidos tanto explícitos quanto implícitos, necessitando de um olhar mais apurado para serem identificados. Num filme, numa novela ou numa série as representações são óbvias, objetivas ou estratégicas, como colocado por Stam e Shohat (2006), pela sua própria premissa. Já nestes novos formatos de audiovisualidades, como classificar as representações que se dão num deslocamento entre o real e sua própria representatividade?

Tomemos como exemplo o uso dos filtros: um nariz afinado e uma pele clareada por um filtro de realidade aumentada estão a serviço de que tipo de representação? Tais práticas de enunciação dialógicas fazem parte da gramática discursiva da qual fala Barbero (2004), em que os atores estão situados tanto na produção quanto na recepção; no caso dos filtros, elementos estratégicos que se tornaram praticamente indissociáveis das narrativas audiovisuais do Instagram, eles podem ser tanto incorporados quanto criados por usuários.

Esta possibilidade técnica mexe com uma nova sensibilidade, com novas formas de recepção. Que tipo de representação motiva a criação de uma realidade aumentada que cria um modelo estético X ou Y? Que efeitos esta representação disfarçada de ou a serviço do real provoca?

Entender de que forma as narrativas audiovisuais do Instagram afetam adolescentes demanda uma análise que considere questões de raça, gênero e classe social. Identificando as narrativas mais consumidas por determinados grupos, seria possível entender como estes as recebem e quais impactam recebem delas.

Stam e Shohat (2006) abrem uma discussão acerca da representação no audiovisual e sobre seu impacto na manutenção de estruturas hegemônicas de poder. “A literatura, e, por extensão, o cinema, não se referem ao “mundo”, mas representam suas linguagens e discursos” (STAM; SHOHAT, 2006, p. 264). Dá-se o mesmo com a recepção das narrativas audiovisuais dos *stories* ou será que grande parte das pessoas, mesmo que de forma subconsciente, não consegue dissociar o que ali veem de sua própria representação de realidade e, com isso, desenvolvem sintomas que afetam sua saúde?

REFERÊNCIAS



COSTA, Talita Mendes da; GAI, Maria Júlia Pegoraro; SALES, Synara Sepúlveda. **Adolescentes na Era Digital: Impactos na Saúde Mental.** Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17800> acesso em: 28 out. 2023.

CUNHA, Mônica Ximenes Carneiro da; SOUZA, Karlla. **Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura.** Revista Educação, Psicologia e Interfaces. Volume 3, número 3.

FERNANDES, Samara Fontes; FREITAS, Rodrigo Jacob Moreira de; MELO; Juce Ally Lopes de; MELO, Kísia Cristina de Oliveira e; OLIVEIRA, Thaisa Natália Carvalho; SILVA, Jennifer do Vale e. **Percepções dos adolescentes sobre o uso das redes sociais e sua influência na saúde mental.** Enfermería Global. Nº64, 2021.

FRANÇA, Vera V.. **Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?** Ciberlegenda, Niterói, n. 5, p. 1-19, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

“OMS destaca necessidade urgente de transformar saúde mental e atenção” Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2022-oms-destaca-necessidade-urgente-transformar-saude-mental-e-atencao> acesso em: 28 out. 2023.

“Regulamentação das big techs: o que preveem os modelos brasileiro e europeu” Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/jornalcomtecnologia/regulamenta%C3%A7%C3%A3o-da-s-big-techs-o-que-preveem-os-modelos-brasileiro-e-europeu-1.1024418> acesso em: 04 jun. 2023.

STAM, Robert; SHOHAT, Ella. **Crítica da imagem eurocêntrica.** São Paulo: Cosac e Naify, 2006.

“#NewFilters to manage the impact of social media on young people’s health and wellbeing” - *The All Party Parliamentary Group (APPG) on Social Media* Disponível em: <https://www.rsph.org.uk/our-work/policy/wellbeing/new-filters.html> acesso em 15 de julho de 2023.